

## **Pensar com os pés no chão: Filosofias de corpo, terra e palavra na perspectiva decolonial**

Adaor Marcos Oliveira<sup>1</sup>

Erica Cristina Frau<sup>2</sup>

**Resumo:** A filosofia brasileira deve ser constituída a partir dos nossos problemas. A partir desta afirmação, com os pés no chão, vamos apresentar três perspectivas filosóficas decoloniais a partir do pensamento de Emicida, Chico Science e Nêgo Bispo. Neste artigo, buscamos evidenciar que a filosofia brasileira se faz presente a partir de múltiplas referências, tendo o corpo, a terra e a palavra como fontes de manifestação filosófica, artística e cultural. Antes de chegarmos nessa perspectiva decolonial do pensamento filosófico brasileiro, tivemos como ponto de partida os pensamentos de Roberto Gomes, que por meio de sua obra *Crítica da Razão Tupiniquim*, fomentou reflexões sobre a existência de uma filosofia originalmente brasileira. O objetivo consiste em evidenciar três diferentes filosofias brasileiras por meio das manifestações do corpo, dos territórios e das palavras ditas por meio da música, da literatura oral e da poesia, apresentando a importância da produção do pensamento filosófico a partir da própria identidade e dos problemas que refletem sobre o preconceito, a insatisfação moral e as injustiças sociais, valorizando assim, o pensamento decolonial, a cultura e a arte brasileira. A metodologia utilizada foi a análise do discurso, promovendo inferências e propondo a elaboração de novos conceitos a partir dos problemas apresentados pelos três pensadores brasileiros em meio aos contextos históricos, sociais e ideológicos. Ao longo do artigo, a proposta foi desenvolvida em três partes: na primeira, “*É tudo pra ontem*”, discutimos como Emicida elabora uma filosofia da palavra por meio do rap, da oralidade e da reconstrução afetiva da história; em seguida, na segunda parte, intitulada “*Da lama ao caos*”, exploramos como Chico Science articulou o corpo, palavra e território a partir de seu pensamento através do Manguebeat, numa estética que articula

---

<sup>1</sup> Professor da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo. Email: adaor.filosofia@hotmail.com

<sup>2</sup> Doutora em Ensino de Ciências e Matemática no PECIM da Universidade Estadual de Campinas. Professora efetiva de Filosofia da Rede Pública Estadual Paulista. Email: ericafrau@gmail.com

reflexões entre a periferia e o centro; por fim, na terceira parte, em “*O filósofo do quilombo*”, analisamos o pensamento de Nêgo Bispo, cuja filosofia contracolonial emerge da terra e da vivência coletiva quilombola, desafiando os modelos hegemônicos de conhecimento e propondo outros modos de vida.

**Palavras-chave:** Filosofia Brasileira, Decolonialismo, Emicida, Chico Science, Nêgo Bispo.

**Abstract:** The Brazilian philosophy must be constituted from our own problems. Based on this statement, with our feet on the ground, we present three decolonial philosophical perspectives inspired by the thoughts of Emicida, Chico Science, and Nego Bispo. In this article, we seek to highlight that Brazilian philosophy emerges from multiple references, having the body, the land, and the word as sources of philosophical, artistic, and cultural expression. Before reaching this decolonial perspective of Brazilian philosophical thought, we take as a starting point the ideas of Roberto Gomes, who, through his work *Crítica da Razão Tupiniquim* (“Critique of Tupiniquim Reason”), fostered reflections on the existence of an originally Brazilian philosophy. The objective is to reveal three different Brazilian philosophies through the manifestations of the body, the territories, and the spoken word expressed in music, oral literature, and poetry—emphasizing the importance of producing philosophical thought grounded in one’s own identity and in the problems that reflect prejudice, moral dissatisfaction, and social injustices. In doing so, it values decolonial thinking, as well as Brazilian culture and art. The methodology used was discourse analysis, enabling inferences and proposing the creation of new concepts based on the issues presented by the three Brazilian thinkers within their historical, social, and ideological contexts. Within this framework, the article seeks to present to readers forms of thought that arise from Brazilian problems themselves. Throughout the article, the proposal was developed in three parts: in the first, “*É tudo pra ontem*” (“It’s all for yesterday”), we discuss how Emicida develops a philosophy of the word through rap, orality, and the affective reconstruction of

history; next, in the second part, titled “*Da lama ao caos*” (“From Mud to Chaos”), we explore how Chico Science articulated body, word, and territory through his thought in the Manguebeat movement, crafting an aesthetic that connects reflections between the periphery and the center; finally, in the third part, “*O filósofo do quilombo*” (“The Philosopher of the Quilombo”), we analyze the thought of Nêgo Bispo, whose countercolonial philosophy emerges from the land and the collective quilombola experience, challenging hegemonic models of knowledge and proposing alternative ways of life.

**Keywords:** Brazilian Philosophy, Decolonialism, Emicida, Chico Science, Nêgo Bispo.

## Introdução

Este artigo propõe pensar filosoficamente a realidade do Brasil, no Brasil e a partir do chão brasileiro. Todavia, dentro da academia nacional, inclusive ao que tange estudos filosóficos, ainda parecem ser poucos os que se habilitam nos temas próprios da nossa realidade. No entanto, essas realidades brasileiras podem ser compreendidas por filosofias vindas das manifestações do corpo, dos territórios e das palavras ditas por meio da música, da literatura oral e da poesia, apresentando a importância da produção do pensamento filosófico a partir da própria identidade e dos problemas que envolvem reflexões sobre o preconceito, a insatisfação moral e as injustiças sociais. Vamos explorar essas ideias de produção do pensamento brasileiro com foco em três perspectivas filosóficas decoloniais, a partir do pensamento de Emicida, de Chico Science e de Nêgo Bispo.

Mas, antes de explorar essas três distintas filosofias, com os pés no chão, voltamos para o pensamento desenvolvido por Roberto Gomes em seu livro *Crítica da Razão Tupiniquim*. As reflexões foram elaboradas entre os anos de 1974 e 1977, onde Gomes apontava análises sobre a hipocrisia intelectual da reprodução da filosofia ocidental como base do pensamento filosófico. Entre as suas investigações, alguns pontos instigavam e provocavam a busca pela filosofia brasileira naquela época. Pensar uma “filosofia brasileira”, consiste em pensar na existência de uma “Razão Brasileira”. No contexto do nosso país,

marcado pelo culto ao estrangeiro e pelo formalismo, uma reflexão que necessita ser realizada é “sobre as condições de possibilidade de um juízo filosófico brasileiro”. Roberto Gomes afirma que a filosofia é uma “razão que se expressa”, e seu objetivo é a “autorrevelação”. A descoberta é sempre autodescoberta: “de fato, descobrir-se é encontrar-se em, pelo simples fato de não haver um ‘outro’ que eu deva descobrir – desde o início sou eu quem está em questão. A descoberta é, pois, um fenômeno primário: um re-conhecimento” (GOMES, 1990, p.19). Ou seja, a filosofia está vinculada à realidade, e partindo deste ponto de reflexão, devemos considerar a existência de uma razão brasileira que faz filosofia. De acordo com Gomes (1990, p.21), o importante é reconhecermos que um pensamento é original não por superar sua posição, mas precisamente por formatar e dar consistência a este tempo, apresentando uma revisão crítica de questões de sua época, originando-se daí. O pensamento é superior não a despeito de ser situado, mas justamente por situar-se.

Ao inverso do que comumente se pensa, não é a desvinculação do lugar e do tempo que confere profundidade a um pensamento. Não basta apenas ressaltar que todo pensamento traz a marca de seu lugar e tempo, pois isso, de uma forma ou de outra, muitos aceitam como verdadeiro. O desapego da realidade em volta, a falta de identidade com o povo e a preocupação incestuosa com uma distinta e idealizada Europa, fizeram com que as elites políticas, através de seus representantes intelectuais e cuidando de seus interesses, ficassem inteiramente alheias a uma realidade propriamente brasileira, uma vez que essa mesma elite sempre teve horror ao que a circundava. (GOMES, 1990, p.45) Eis por que uma filosofia brasileira só terá condições de originalidade e existência quando se “descobrir no Brasil”. Estar no Brasil para poder ser brasileira. Desde sempre nosso pensar tem sido estranho, providenciado no estrangeiro. O que é estrangeiro só assume importância quando se torna “nosso problema”. (GOMES, 1990) Assim, não há um ‘problema’ para a Razão Brasileira que nos esteja esperando. Urge, com isso, inventá-lo no próprio ato de inventar uma filosofia brasileira.

Assim, “só a partir de uma reflexão crítica a respeito de nosso modo de existir, de nossa linguagem, de nossas falsificações existenciais e históricas é que poderemos chegar aos limites de uma filosofia nossa”, (GOMES, 1990, p.61), que só pode existir quando estiver enraizada e responder aos problemas brasileiros, partindo de nossas importâncias e urgências. Neste sentido, a tarefa mínima da Filosofia é pensar o que somos, como somos e

esse ato consiste na descoberta a ser realizada daquilo que temos a dizer, que só nós poderemos dizer e que, se não o dissermos, ninguém o dirá. Teríamos, segundo Gomes, a condição básica da apropriação de uma forma, que é a filosófica: nossa originalidade.

A seguir, a Figura 1, apresenta uma provocação que fomenta indagações, analisando a transposição que a figura representa, o indígena executa no mármore a apresentação da sua cultura, expressando os seus conhecimentos. Curioso que, embora a imagem provoque sentidos de rompimento com a cultura ocidental, mantém em sua estrutura a reprodução da manifestação cultural eurocêntrica, ou seja, mantém em sua transgressão de sentido o ato de realizar esculturas em mármore branco. Essa análise aponta que, embora ocorra o desejo de expressar a valorização da filosofia brasileira por meio da cultura indígena e do personagem do folclore Saci-Pererê, do folclore nosso nacional, a forma como se reproduz a ideia não rompe com o olhar colonial enraizado na formação das civilizações colonizadas.

**Figura 1**



**Fonte:** Ilustração de Luiz Carneiro. (Gomes, 1990, p. 26)

Com a intenção de apresentar o pensamento filosófico brasileiro no contexto atual, destacamos que o pensamento decolonial reúne pensadores de diferentes territórios, contextos e influências, tendo como ponto de convergência o esforço crítico de desconstruir as bases do pensamento colonial, patriarcal e capitalista moderno. Então, nesse giro decolonial, defendemos a existência de diferentes filosofias brasileiras, que, ao mesmo tempo em que propõem saberes plurais, localizados em diferentes territórios e realidades, manifestam formas de ruptura com a filosofia ocidental tradicional. Nesse sentido, a filosofia que investigamos questiona e desconstrói o conceito de modernidade colonial forjado em nós, que, embora se declare universal e racional, impõe seu modelo ao custo do apagamento das culturas e da destruição de territórios, e do silenciamento de vozes originárias.

Neste artigo, buscamos evidenciar que as reflexões postas por Emicida, Chico Science e Nêgo Bispo discutem questões brasileiras e apontam pensamentos que realizam denúncias e manifestam resistência, promovendo, assim, uma filosofia brasileira decolonial, propondo a superação do eurocentrismo e construindo novas formas de ver e pensar o mundo, promovendo o desenvolvimento de saberes plurais provenientes das quebradas, dos terreiros, dos quilombos, das aldeias etc. No entanto, é importante destacar que o simples uso de elementos culturais ou tradicionais dos povos originários, como o exemplo dado pela imagem, não garante, por si só, a formulação de uma filosofia autenticamente brasileira. Destacamos que o ponto de partida utilizado pela Figura 1, embora tenha uma conotação simbólica de transgressão, se mantém presa a padrões estéticos e conceituais impostos pela matriz colonial.

Dado esse contexto, nosso giro decolonial utiliza a análise do discurso como metodologia, promovendo inferências e propondo a elaboração de novos conceitos, a partir dos problemas apresentados pelos três pensadores brasileiros. A reflexão filosófica proposta pelo artigo é orientada pelos eixos corpo, terra e palavra, compreendidos como categorias simbólicas e epistemológicas que condensam, de maneira singular, os pensamentos de Emicida, Chico Science e Nêgo Bispo sob uma lente decolonial. Longe das abstrações universais da tradição filosófica ocidental, essas vozes constroem saberes enraizados na experiência vivida — saberes que se manifestam no corpo negro, periférico e sertanejo; na relação profunda com a terra e os territórios historicamente marginalizados; e na potência criadora da palavra como instrumento de memória, resistência e invenção de mundos. Além

do conceito decolonial, abordaremos, ainda, os conceitos de pós-colonial e contracolonial, como diferentes formas de responder às heranças do colonialismo, apresentados ao longo do texto.

### **É Tudo Pra Ontem**

No ano de 2019, em visita ao Brasil, a filósofa e ativista do movimento negro Angela Davis questionou os motivos de os brasileiros a reconhecerem como símbolo do feminismo negro, ao passo que temos referências nacionais, como a antropóloga Lélia Gonzalez, participante do nosso Movimento Negro Unificado. Refletir tal questão nos faz analisar esse sentimento de inferioridade que damos às produções nacionais, dentro de um pensamento colonial.

Estudar, compreender e trazer à tona histórias como as de Lélia nos direcionam em momentos tão complicados como o de negacionismo constante no que se refere, entre outras coisas, ao racismo existente no Brasil, ou sobre as mentalidades que insistem em acreditar no mito da democracia racial. Como afirma Miranda e Mirelle, (2020) é preciso descolonizar o pensamento racista e a luta antirracista. Segundo o símbolo Sankofa, da cultura africana Adinkra, é necessário conhecer o nosso passado para mudar o nosso futuro.

A partir deste exposto, destacamos que, o documentário *AmarElo: É Tudo Pra Ontem*<sup>3</sup>, trata-se de uma celebração dos sonhos daqueles que sempre foram invisibilizados e esquecidos pela sociedade, mesclando a poesia do rap com funk, samba e rock. Neste sentido, o pensamento decolonial apresentado por Emicida, retrata uma realidade que extrapola as fronteiras do Brasil e evidencia contornos próprios, conectando pensamentos de diferentes culturas e gerações.

Nessa visita a seus ancestrais, Emicida faz uma combinação de estilos musicais que sempre foram voz dos marginalizados, dos rebeldes e dos pensadores que nunca encontraram lugar para que suas vozes fossem ouvidas. Nascido nas rodas de capoeira do Recôncavo

---

<sup>3</sup> *AmarElo – É Tudo pra Ontem* é um documentário lançado em dezembro de 2020, na plataforma de streaming Netflix. Dirigido por Fred Ouro Preto e estrelado por Emicida, a obra apresenta o show de lançamento do álbum *AmarElo*, realizado no Theatro Municipal de São Paulo. Com temas sensíveis, linguagem imprópria e cenas de violência, o documentário propõe uma reflexão sobre o legado da cultura negra brasileira por meio da música e da narrativa histórica. Disponível em: <https://www.netflix.com/search?q=amarelo&jbv=81306298>. Acesso em: 11 maio 2025.

Baiano no século XIX, o samba, por exemplo, era refúgio para os afro-brasileiros comemorarem a própria cultura. Após a resolução da Lei Áurea (1888), que trouxe o fim do mercado legal de escravizados no Brasil, os negros ainda enfrentavam a segregação e a falta de direitos humanos fundamentais. As comunidades que se formavam, em especial nas proximidades às capitais das cidades, eram uma forma de garantia da sobrevivência cultural e existencial do povo negro. A partir de encontros em terreiros, realizados pelas “tias baianas”, que mantinham as práticas do candomblé no coração dessas comunidades, em especial no Rio de Janeiro, capital da época. (MIRANDA e MIRELLE, 2020)

Logo no início do documentário, Emicida comenta uma das razões de ter escolhido o Theatro Municipal para a estreia do show. “Não tem uma viga, uma ponte, uma rua, um escritório, um prédio importante, que não tenha tido mão negra trabalhando para estar de pé hoje”. Cenário de tantas histórias, o Theatro Municipal não se resume apenas a um local frequentado pela elite branca paulistana, ele também já foi pano de fundo de enredos que nem chegaram a pisar naquele palco. Em junho de 1978, por exemplo, Miranda e Mirelle (2020) relatam que um grupo de ativistas se uniu na frente da escadaria que existe lá para protestar contra o racismo. Milton Barbosa, Regina Santos e José Adão foram alguns dos protagonistas da criação do Movimento Negro Unificado (MNU), que, em plena ditadura militar, lutava pela igualdade e pela, ainda hoje sonhada, democracia racial.

A criação do MNU foi fundamental para a resistência e a luta por pautas que fossem em direção ao fim da discriminação racial no país, contribuindo com a formulação de demandas do movimento negro à Assembleia Constituinte de 1988, que deu origem à Constituição Cidadã. (CAETANO, 2024)

A Figura 2 retrata esse momento e apresenta esses importantes nomes:

**Figura 2**

José Adão (esq.), Regina (centro) e Milton (dir.) e imagens do primeiro protesto do MNU, em 1978 / Colagem com imagens de Memorial da Resistência/Alma Preta/Arquivo Pessoal/Sérgio Silva/Ponte Jornalismo





**Fonte:**

<https://www.geledes.org.br/uma-historia-oral-do-movimento-negro-unifica-do-por-tres-de-seus-fundadores/> Acesso em: 11 maio 2025.

De acordo com De Jesus (2021), Emicida refere-se a São Paulo como cidade palco de sua história, como uma terra que tem a sua riqueza baseada no ciclo do café, mantida por uma mão de obra escravizada. Ele recorda, ainda, que a ascensão da capital paulista como a terra das oportunidades é marcada por um processo de gentrificação violento, que descaracterizou regiões, principalmente as centrais, que tradicionalmente eram ocupadas por pessoas negras, afastando tais populações para as margens da cidade. Somando-se a isso, pessoas pobres de outras regiões do país vinham e vêm tentar a sorte na chamada “metrópole das oportunidades”, passando, também, a viver nessas extremidades, o que favorece, em contrapartida, o surgimento de uma periferia multicultural.

De Jesus (2021) apresenta a estrutura do documentário, que encontra-se dividido em três atos: “plantar”, “regar” e “colher”. Costurando esses atos temos a fala periférica como organizadora do discurso. No ato “plantar”, Emicida traz o passado, dizendo que a melhor professora do tempo das coisas é a terra, recorrendo ao contexto da Semana da Arte Moderna de 1922, que para ele, “bagunçou para sempre a concepção de arte nessas terras. Tantos sambistas, que são inegavelmente modernos, quanto os modernistas, que reivindicavam, meio que sem saber, que a arte daqui fosse mais... samba, abalariam as ideias do passado de uma maneira que ecoaria pela eternidade”. Os modernistas, ainda que formados por uma maioria de homens brancos da burguesia, exigiam uma arte multifacetada, abasileirada. Já os sambistas, formados em sua maioria por mulheres e homens pobres, quase todos negros, promoviam a presença do que Machado de Assis chamaria de Brasil real.

No ato “regar”, De Jesus (2021) aponta que Emicida perpassa por recortes exclusivamente brasileiros. Traz como personagem principal a figura já citada de Lélia Gonzalez, pioneira da cultura negra no país, responsável por tratar sobre a interseccionalidade, que o é meio pelo qual a sobreposição das identidades se relaciona com

a estrutura de opressão. Para Lélia, a contribuição fundamental dos negros nesse país foi o que criou a cultura brasileira. Ainda nesse ato, o documentário narra a fundação do Movimento Negro Unificado, tendo alguns dos seus integrantes homenageados no próprio show. Nesse momento, Emicida expõe mais uma fragilidade das pessoas negras, potencializando o racismo, quando este traz o recorte da questão de gênero. Como exemplo, cita o pioneirismo de Leci Brandão, sambista e madrinha do rap, e uma das primeiras mulheres a ocupar espaços tradicionalmente ocupados por homens brancos, inclusive sendo eleita deputada, marcando presença na Assembleia Legislativa de São Paulo.

No último ato, denominado de “colher”, (DE JESUS, 2021, p.330) Emicida aborda o perigo que é ser negro em um país que mata pessoas negras sem nenhum constrangimento. O autor também elucida que o negro precisa se dedicar inúmeras vezes mais simplesmente por ser negro. Para exemplificar, cita o caso da atriz Ruth de Souza, primeira artista indicada ao prêmio de melhor atriz no Festival de Veneza, no ano de 1953, e que devido à condição de mulher negra, tem sua memória apagada, se compararmos a outras atrizes da mesma envergadura artística. Ainda no ato “colher”, Emicida traz um apelo para que pessoas negras, juntamente com outras minorias excluídas, unifiquem-se, para que se fortaleçam. Esse discurso mostra o que o documentário propõe, que é o de “celebrar personalidades e heróis negros brasileiros que alicerçaram o caminho percorrido até aqui, comemorar cada preconceito driblado e construir mecanismos sólidos por cima de terrenos de desigualdade.”

A figura de Emicida se torna, portanto, dentro desse contexto, um canal de comunicação, que serve como um espelho do cotidiano negro e periférico do Brasil, denunciando práticas de racismo e degraus de desigualdade. *AmarElo* constitui-se em um dispositivo fomentador de um debate necessário, pois trata-se de um produto que deveria ocupar todos os espaços, uma vez que, segundo o próprio artista, “todas as nossas chances de consertar os desencontros do passado moram no agora. Por isso, é tudo pra ontem”. (DE JESUS, 2021, p.332)

Isso reforça o que aponta Lilia Schwarcz (2024) no livro *“Imagens da Branquitude: a Presença da Ausência”*, onde ela diz que os responsáveis pelas narrativas que deram o tom da identidade nacional, pessoas brancas, se estabeleceram como a norma e o símbolo da civilização. Como exemplo disso, a autora cita uma propaganda lançada pelo governo de Jair Bolsonaro em 2020, em que cinco crianças brancas e felizes representam o futuro e a prosperidade do país, como apresenta a Figura 3.

**Figura 3**

Campanha Pró-Brasil de 2020



**Fonte:** Revista Veja, matéria de Raquel Carneiro, atualizada em 19 ago.2024, publicada em 17 ago.2024

Imagens como essas podem não causar estranhamento a muitos olhos treinados a ver a pele clara estampada em anúncios, novelas, livros e obras de arte. Schwarcz (2024) destrincha essa norma com lupa e dados históricos, e sob a “ótica da branquitude”, lugar de fala autocrítico onde a autora, que é branca, considera estar. Schwarcz faz uma contraposição essencial: fora do lugar de submissão, pensadores e artistas negros se impõem como agentes da própria história. É exatamente nesse lugar que se encontra Emicida e sua obra, colocando o negro como protagonista, trazendo ao centro da cena aqueles que foram historicamente marginalizados e esquecidos.

Em suma, Emicida, por meio de suas letras de música, suas atitudes de ativista, suas falas de rapper, constrói um pensamento brasileiro com os pés fincados no chão da realidade da desigualdade racial e social, desvelando preconceitos e exaltando a cultura afro-brasileira. O documentário *AmarElo: É tudo pra ontem*, convida todos que o assistem a refletir sobre o racismo estrutural e a importância do reconhecimento da cultura negra e da arte afro-brasileira como forma de manifestação e resistência que transborda arte e filosofia.

### **Da Lama ao Caos**

A primeira sociedade com que travei conhecimento

foi a sociedade dos  
 caranguejos. Depois, a dos homens habitantes  
 dos mangues,  
 irmãos de leite dos  
 caranguejos. Só muito depois é que  
 vim a conhecer a outra sociedade dos  
 homens  
 – a grande  
 sociedade. E devo dizer com toda  
 franqueza que, de tudo o que vi e  
 aprendi na vida,  
 observando estes vários tipos de sociedade,  
 fui levado a reservar, até  
 hoje, a maior parcela de minha  
 ternura para a sociedade dos  
 mangues  
 – a sociedade dos caranguejos  
 e a dos homens, seus irmãos de  
 leite,  
 ambos filhos da  
 lama.  
 (CASTRO, 2001, p.13)

Esse pensamento faz parte do livro *Homens e Caranguejos*, de Josué de Castro, escrito em 1967. Não podemos deixar de mensurar que suas manifestações intelectuais, somadas às reflexões do geógrafo Milton Santos, oferecem contribuições fundamentais para a compreensão crítica da desigualdade social no Brasil. Em *Geografia da Fome*, escrito por Castro em 1946, ocorre o rompimento de explicações naturalistas e a denúncia da fome como fenômeno político, fruto de uma estrutura social excludente e de um modelo de desenvolvimento desigual. Décadas depois, Milton Santos, ao refletir sobre a globalização e a urbanização no Brasil, amplia essa crítica realizada por Castro ao mostrar como o território é apropriado de forma seletiva pelo capital, gerando periferias invisíveis, aprofundando a segregação socioespacial. Ambos os autores, embora situados em contextos distintos, convergem ao tratar o território como dimensão central na análise das desigualdades sociais e ao apontar a urgência de repensar o desenvolvimento a partir de uma perspectiva crítica, enraizada na realidade brasileira.

Nos primeiros minutos do documentário *Chico Science, Um Caranguejo Elétrico*<sup>4</sup>, esse pensamento de Josué de Castro que abre nossa segunda parte, introduz a reflexão sobre as desigualdades e fomenta a produção filosófica de Chico Science, que, pensando nas desigualdades, em 1994, compõe *Da Lama ao Caos*. A seguir, apresentamos alguns versos:

Posso sair daqui pra me organizar  
 Posso sair daqui pra desorganizar  
 [...]  
 Da lama ao caos, do caos à lama  
 Um homem roubado nunca se engana  
 [...]  
 O sol queimou, queimou a lama do rio  
 Eu vi um chié andando devagar  
 E um aratu pra lá e pra cá  
 E um caranguejo andando pro sul  
 Saiu do mangue, virou gabiru  
 Ô Josué, eu nunca vi tamanha desgraça  
 Quanto mais miséria tem, mais urubu  
 ameaça  
 Peguei um balaio, fui na feira roubar tomate e cebola  
 Ia passando uma véia, pegou a minha cenoura  
 Aê minha véia, deixa a cenoura aqui  
 Com a barriga vazia não consigo  
 dormir  
 E com o bucho mais cheio comecei a pensar  
 Que eu me organizando posso desorganizar  
 (trecho “Da Lama ao Caos” Chico Science e Nação Zumbi, 1994)

---

<sup>4</sup> *Chico Science, Um Caranguejo Elétrico* é um documentário dirigido e roteirizado por José Eduardo Miglioli Junior, lançado em 2016. Com 1h44min de duração, o filme foi transmitido diretamente para a televisão e está disponível na plataforma YouTube. A obra resgata a trajetória de Francisco de Assis França, conhecido como Chico Science, um dos maiores nomes da música brasileira contemporânea e precursor do movimento Mangubeat. Natural de Recife, o artista liderou o grupo Nação Zumbi e, em menos de três anos, gravou dois discos e realizou turnês internacionais. Sua proposta musical, que unia elementos da cultura popular nordestina com gêneros como o rock, pop e hip-hop, projetou um novo olhar sobre a identidade cultural brasileira. Suas músicas permanecem como referência para músicos e estudiosos da cultura nacional.

A busca pela organização/desorganização estabelece relação direta com o caos da vida periférica vivida pelos homens que se encontram às margens da sociedade, catando caranguejo para sobreviver. Ao sair do mangue, os marginalizados se tornam gabirus<sup>5</sup>, como afirma Chico, que dialogando com Josué de Castro, ressalta que nunca viu tamanha desgraça. A articulação entre corpo, palavra e território, a partir do Mangubeat, promove reflexões entre a periferia e o centro e reflete diretamente sobre a desigualdade social vivida pelos homens e mulheres de Recife. A fome e a desigualdade social aparecem como os problemas que geram o pensamento filosófico de Chico Science. Com fome, o homem não encontra lugar em seus pensamentos para planejar uma saída de sua condição social. No entanto, quando alimentado, saciado de sua fome, encontra espaço para o desenvolvimento de seu pensamento em busca de mudança do *status quo*.

Foi a partir dessa perspectiva que nasceu o movimento Mangubeat. Desenvolvendo-se na década de noventa em Recife, capital do Estado de Pernambuco, esse movimento trouxe à tona um novo movimento cultural genuinamente brasileiro. Com características muito peculiares, conseguiu unir elementos da cultura popular da região, como o maracatu rural, com a cultura pop internacional, o rock'n roll, rap e o hip-hop, de acordo com Ramos (2019), construindo um estilo original e peculiar para todo o mundo.

O autor mostra que, profundamente ligado às questões da cultura nordestina e ao território, o movimento Mangubeat foi responsável por conceber uma nova estética cultural e sonora não apenas para Recife, mas para todo o país. Através da música, o movimento trouxe luz a uma cidade culturalmente degradada e com grandes índices de desigualdade social e econômica. Ao produzirem sons e mensagens através da música e de outras formas de agitações culturais na cidade, os atores do movimento passaram a se comunicar com seus receptores, produzindo trocas simbólicas. Tais trocas eram nutridas por desejos de mudança, resistência, participação política e valorização da cultura e do povo da região.

---

<sup>5</sup> O termo "homens-gabiru" é utilizado para descrever indivíduos que, em contextos de extrema pobreza e exclusão social, desenvolveram baixa estatura não por fatores genéticos, mas devido à desnutrição crônica. Caracterizam-se por um comportamento furtivo, agressivo e por viverem da coleta de restos alimentares nas ruas. A expressão foi resgatada por alguns autores para refletir sobre os impactos sociais e corporais da fome e da marginalização. Fonte: CARDONA JUNIOR, Aristóteles. Viveremos a volta dos homens-gabiru? *Brasil de Fato*, 4 out. 2019. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/colunista/aristoteles-cardona-junior/2019/10/04/viveremos-a-volta-dos-homens-gabiru/>. Acesso em: 11 maio 2025.

Chico Science, com sua maneira de compor, de organizar os coletivos e de se apresentar nos palcos com seus figurinos, transformou o Mangubeat em um verdadeiro movimento de pensamento, que provoca reflexões sobre as injustiças e as desigualdades no Brasil. De acordo com (GODOY, 2013, p.20), o movimento Mangubeat se tornou uma expressão de sua época, atrelando-se às especificidades sociais, econômicas e culturais daquele período. Historicamente, Recife divide-se em um núcleo central, a zona rural e os manguezais alagados: “estes últimos, por serem regiões com diversos problemas de localização e condições físicas, foram devidamente ocupados pela população mais pobre que chegava à cidade.”

Alguns pesquisadores compreendem que o processo de Globalização estabeleceu a homogeneização da cultura e do sistema de valores. O geógrafo Milton Santos, por exemplo, apresenta uma visão que dialoga com a identidade do Mangubeat, em que “cada lugar é, ao mesmo tempo, objeto de uma razão global e de uma razão local, convivendo dialeticamente” (SANTOS, 1996, p.273).

De acordo com Ramos (2019), o álbum *Da Lama ao Caos* apresenta um potente viés político, contando por meio de suas narrativas a história das minorias excluídas e marginalizadas. A partir de suas composições, Science provoca pensamentos com os pés no chão de lama, junto com os caranguejos e os homens e mulheres marginalizados, fazendo a filosofia acontecer a partir da mais trágica realidade. Faz arte por meio das reflexões sobre a fome, a pobreza e a miséria. O álbum, cuja maioria das composições foi feita pelo próprio Chico Science, traz à tona a potência do Mangubeat. O artista esclarece o propósito do disco logo em seu primeiro verso: “Modernizar o passado é uma evolução musical”, mostrando o desejo de transformar a cultura tradicional da região a partir de elementos modernos. Em outro verso, traz como referência a necessidade de luta do “homem coletivo”. Tal transformação e luta só podem se concretizar através da mescla de elementos musicais locais e internacionais, valorizando figuras relevantes, além da rejeição e denúncia de valores e práticas presenciadas em Recife. Personagens como Emiliano Zapata, Augusto César Sandino, Antônio Conselheiro, Lampião e os Panteras Negras, citados na música, representam símbolos da resistência e de revoluções nas Américas.

Outra peculiaridade do álbum, trazida por Ramos (2019), é o “cantar a cidade”. Por meio das canções, Chico desenha os bairros, o relevo, os rios e a vegetação, compondo paisagens em suas canções. Ele retrata, ainda, pontes e outras construções modernas,

escancarando as transformações do cenário do Recife urbano e tecnológico. Esses elementos, que integram o cotidiano da cidade, são compreendidos como fatores de reconhecimento fundamentais na criação da narrativa e identificação com o Mangubeat.

É importante visualizar que, estabelecendo uma narrativa através de uma história contada, existe um narrador que conta os acontecimentos à sua maneira. A imagem não se resume somente aquilo que é possível ver, mas a história que a cerca e a forma como é apresentada. Dessa forma, o Mangubeat, ao produzir uma narrativa afetiva e efetiva que resultou em interações, relações e experiências, traz necessariamente um discurso. E esse discurso se materializa na diversidade de conteúdos culturais produzidos, como o manifesto<sup>6</sup>, músicas e apresentações.

Nesse sentido, cabe a reflexão trazida por Homi Bhabha (2003), ao afirmar que a articulação social da diferença, da perspectiva das minorias, trata-se de uma negociação complexa, em um andamento que procura conferir autoridade aos hibridismos culturais que emergem em momentos de transformação histórica. O direito de expressão a partir da periferia do poder e do privilégio é algo alimentado pelo poder da tradição de se reinscrever por meio das condições de contingência e de contraditoriedade, que presidem sobre as vidas dos que estão na minoria.

Trata-se de uma estética decolonial. Nela, Chico Science revela um movimento ligado à filosofia da história, em que o presente se estrutura a partir das lutas do passado, reconhecendo nelas uma força capaz de ressignificar a história e afirmar identidades. Essa abordagem evidencia a influência do pensamento pós-colonial, ao mostrar que a resistência da população negra no Brasil não se deu apenas por meio da luta física e material, mas também por um legado espiritual e simbólico. Esse legado se manifesta em formas alternativas de resistência, como as relações afetivas, os vínculos comunitários e a valorização das raízes culturais. Nesse contexto, a figura de Zumbi dos Palmares — símbolo da luta e da resistência negra — ganha destaque, sendo ressignificada no nome do grupo musical Nação Zumbi.

---

<sup>6</sup> Escrito em 1992 pelo jornalista Fred Zero Quatro, o manifesto “Caranguejos com Cérebro” traz diversas características acerca do movimento. O nome da cena cultural e do manifesto surgem por influência do romance “Homens Caranguejos” (1966), do cientista e escritor Josué de Castro. Nascido em Recife, Josué destacou-se por seu ativismo no combate à fome e seus trabalhos sobre ecologia. Seu romance narra a história de um menino pobre morador de um manguezal, elucidando a fome, o trabalho duro e a miséria característicos destes espaços do Recife. (Ramos, 2019, p. 25)



## O Filósofo do Quilombo

Não fizemos os quilombos sozinhos. Para que fizéssemos os quilombos, foi preciso trazer os nossos saberes de África, mas os povos indígenas daqui nos disseram que o que lá funcionava de um jeito, aqui funcionava de outro. Nessa confluência de saberes, formamos os quilombos, inventados pelos povos afroconfluentes, em conversa com os povos indígenas. No dia em que os quilombos perderem o medo das favelas, que as favelas confiarem nos quilombos e se juntarem às aldeias, todos em confluência, o asfalto vai derreter! (BISPO DOS SANTOS, 2023b, p.45)

A confluência pensada por Antônio Bispo dos Santos, popularmente conhecido como Nêgo Bispo, fez dele um importante filósofo contracolonial<sup>7</sup>. Com os pés no chão da comunidade quilombola Saco-Curtume, localizada no Piauí, território nordestino, Bispo propõe reflexões revolucionárias que transitam no espaço e no tempo de sua experiência comunitária. Autoproclamava-se “camponês”, o que significa muito mais do que ser um “intelectual”, na sua perspectiva, as suas ideias e a expressão contundente das suas palavras foram acolhidas em inúmeras publicações, intervenções públicas, conversas e entrevistas concedidas, cuja fortuna crítica começa a ganhar grande impulso no Brasil. (KOHAN e SIMÕES, 2025, p.07)

Para Kohan e Simões, abraçar o pensamento de Nêgo Bispo e sua pedagogia contracolonial, trata-se de um ato que nos ajuda a problematizar as palavras e os próprios pensamentos coloniais. A primeira delas é a noção de desenvolvimento, que é um dos pilares

---

<sup>7</sup> Destacamos que os conceitos de pós-colonial, decolonial e contracolonial referem-se a diferentes formas de responder às heranças do colonialismo. O pensamento *pós-colonial* surgiu sobretudo em contextos anglófonos e analisa os efeitos culturais e sociais do colonialismo após a independência das colônias, frequentemente mantendo uma perspectiva ainda ligada à epistemologia ocidental. Tem origem nas academias euro-americanas como por exemplo Edward Said, Homi Bhabha e Gayatri Spivak. O *decolonial*, por sua vez, nasce na América Latina e propõe uma ruptura mais profunda com os modos de pensar coloniais, valorizando saberes periféricos e não europeus, e criticando a colonialidade do poder, do saber e do ser, sendo um movimento crítico mais radical, especialmente com pensadores como Aníbal Quijano e Walter D. Mignolo. Já o *contracolonial* se refere a formas diretas de resistência cultural e política à dominação colonial, sendo mais ligado às práticas de afirmação identitária e à ação combativa dos sujeitos historicamente marginalizados. O pensador e líder quilombola Antonio Bispo dos Santos, é uma das vozes mais potentes do pensamento contracolonial no Brasil. Sua abordagem não se limita a teorizar a colonialidade, mas propõe uma prática viva de resistência e afirmação dos modos de vida quilombolas e populares, o que o alinha fortemente ao conceito de contracolonialidade.

do eurocentrismo. Essa ideia eurocêntrica, supostamente evidente e valorizada nas sociedades e práticas escolares modernas, pressupõe a existência de vidas mais e menos importantes dentro de um sistema de hierarquias. Trata-se de um conceito que inferioriza e menospreza diferentes modos de vida, implicando tanto à vida pessoal, quanto à dos países. Ou seja, de acordo com o pensamento colonial, as crianças são consideradas menos desenvolvidas que os adultos e que algumas nações são menos desenvolvidas que outras.

Nêgo Bispo, ainda nos dizeres de Kohan e Simões (2025), expressou a luta contra o colonialismo. Uma das expressões desse colonialismo é o regime de subjugação de povos pertencentes às matrizes culturais indígenas, africanas e afro-diaspóricas. No território chamado Brasil pelos povos colonizadores, eurocristãos, com o processo exploratório que se iniciou em 1500 com a dizimação dos povos indígenas e a escravização dos povos desterritorializados da África. Acontece que o resultado dessa etapa não se encerrou em 1888, com a assinatura da Lei Áurea, ano da chamada abolição da escravatura no país, nem em 1988, com a promulgação da primeira Constituição da República Federativa do Brasil, que reconheceu a pluralidade étnica do país, além de reconhecer os povos indígenas, sua organização social, suas culturas e crenças, suas línguas e o direito originário aos territórios que tradicionalmente ocupam.

Sendo assim, o legado da colonização continua a se desenvolver através de humilhações, negações e proibições de formas de vida comunitária diferentes e divergentes da matriz colonial, e em uma organização social que as exclui, diminui e despreza. Exemplificando, (KOHAN e SIMÕES, 2025, p.09) dizem que o conhecimento dos povos indígenas e afrodescendentes, advindo de suas cosmologias e vivências, que ultrapassa há centenas de anos o que se considera "pensamento social brasileiro". Ademais, houve, no Brasil, a continuidade e a persistência de diferentes formas de violência estatal, como o “etnocídio, a negação de direitos constitucionalmente consagrados – especialmente o direito à terra –, a contínua estigmatização social dos povos indígenas e afrodescendentes e o epistemicídio.” A contracolônização, proposta por Bispo, significa ainda hoje uma pauta fundamental para a (re)existência dos povos subjugados, uma vez que, para ele, isso exige dismantlar a perpetuação do processo colonial, rompendo com o espírito de subserviência. É aí que reside a natureza radical de seu pensamento sobre a criação contracolônial, como também sua crítica à educação oficial, que continua a reproduzir essa lógica colonial.

“Quando eu provoço um debate sobre colonização, quilombos, suas formas e

significados, não quero me posicionar como um pensador. Em vez disso, eu estou me posicionando como tradutor”, assevera Nêgo Bispo. Segundo ele, os mais velhos o educaram oralmente, mas eles mesmos o mandaram para a escola para que pudesse aprender, por meio da linguagem escrita, a traduzir os contratos que o obrigaram a aceitar. “Os contratos do nosso povo eram feitos oralmente, já que nossa relação com a terra era através do cultivo. A terra não nos pertencia, nós pertencíamos à terra.” Para ele, não dissemos “essa terra é minha”, mas sim “nós somos dessa terra”. Bispo diz que foi treinado para saber ler e escrever para enfrentar essa situação de pertencimento. “É por isso que digo que não sou um pensador, mas um tradutor do

pensamento do meu povo.” (BISPO DOS SANTOS, 2023a, pp.8-9). A partir desta exposição de ideias Bispo nos convida a uma reflexão contracolonial, pois subverte a lógica do pensamento ocidental que privilegia a escrita, a propriedade e o individualismo. Ao afirmar-se como tradutor — e não pensador — ele se coloca em um lugar diferente e realiza uma denúncia as hierarquias impostas pelo colonialismo, que marginalizam os saberes orais, coletivos e territoriais dos povos afrodescendentes e indígenas em favor de uma racionalidade eurocêntrica, baseada na posse, na linearidade do conhecimento e na separação entre sujeito e natureza.

Dentro dessa linha, Nêgo Bispo oferece, portanto, uma crítica incisiva à educação institucionalizada hegemônica, destacando suas limitações e exclusões. O “filósofo do quilombo” nos convida a imaginar e construir um mundo onde espaços e relacionamentos pedagógicos possam ser vivenciados de maneira livre e criativa, conectados às realidades da comunidade, ao passo em que valorizam a visão de mundo dos povos afro-confluentes e indígenas. (KOHAN e SIMÕES, 2025). Neste sentido, Nêgo Bispo realiza uma crítica a educação hegemônica por suas limitações e exclusões, propondo uma pedagogia conectada às realidades comunitárias e enraizada em outros saberes, valorizando a liberdade, a criatividade e outras formas de ver e viver o mundo.

Para Nêgo Bispo, no dia em que as universidades aprenderem o que não sabem, no dia em que elas concordarem em aprender línguas indígenas, no dia em que as universidades concordarem em aprender arquitetura indígena e concordarem em aprender o que são plantas para a caatinga, no dia em que estiverem dispostas a aprender conosco, como um dia nós aprendemos com elas, aí haverá uma confluência. “Uma confluência de conhecimento. Um processo de equilíbrio entre diferentes civilizações neste lugar. Uma contracolonização.”

(BISPO DOS SANTOS, 2023b, p.17). Para Nêgo Bispo, a verdadeira confluência de saberes e a contracolônização só ocorrerá quando as universidades estiverem dispostas a aprender com os povos originários, reconhecendo seus conhecimentos como verdadeiros, essenciais e importantes.

Em suma, Nêgo Bispo assumiu o papel de tradutor do pensamento para o povo, utilizando o poder da linguagem orgânica para viver a confluência entre diferentes territórios e tempos. Utiliza a sua linguagem como forma de manifestação de pensamento simples, sem realizar ataques ao colonialismo, mas, buscando compreender e evidenciar suas manifestações de poder para não deixar que os moldes do colonialismo sejam reproduzidos de forma acrítica. Encerramos nossa exposição sobre este filósofo, a partir de sua reflexão final, presente no vídeo *Nêgo Bispo: vida, memória e aprendizado quilombola*<sup>8</sup>, neste trecho selecionado – [15:14], Bispo apresenta seu pensamento filosófico contracolônial por meio da seguinte poesia: “Quando nós falamos tagarelando, e escrevemos mal ortografado, quando nós cantamos desafinando, e dançamos descompassado, quando nós pintamos borrando, e desenhamos enviesado, não é porque estamos errando, é porque não fomos colonizados. Viva! Viva! Porque todas as vidas importam.”

## Conclusão

Neste artigo buscamos evidenciar o pensamento produzido no Brasil, a partir dos problemas brasileiros, sendo produzido por brasileiros. Acreditamos que, por meio das três partes desenvolvidas neste artigo, conseguimos apresentar para os leitores reflexões que afirmam a existência de uma Razão Brasileira. Se em 1974, Gomes afirmava “[...] uma Razão Brasileira, não existindo atualmente, precisaria antes do mais ser providenciada, vindo à tona.” (1990, p. 5), hoje podemos afirmar que temos uma Razão Brasileira sendo produzida

---

<sup>8</sup> O vídeo *Nêgo Bispo: vida, memória e aprendizado quilombola*, produzido pelo Itaú Cultural, apresenta uma profunda reflexão do pensador quilombola Antônio Bispo dos Santos sobre a cosmologia, os saberes e a resistência das comunidades quilombolas. Ao narrar sua trajetória pessoal e coletiva, Nêgo Bispo enfatiza a importância da oralidade, da memória e da relação com a terra como fundamentos de um modo de vida que se contrapõe à lógica colonial e capitalista. Sua fala evidencia uma epistemologia própria, enraizada em vivências comunitárias e na luta por autonomia territorial e cultural. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gLo9ZNdgJxw>. Acesso em: 11 maio 2025.

através de ritmos, temas, linguagens etc., e inventadas a partir da realidade brasileira. Elza Soares (2018) canta, “Mil nações, moldaram minha cara, minha voz, uso pra dizer o que se cala, o meu país, é meu lugar de fala”, e com seu conto clama e afirma que precisamos filosofar sobre os nossos acontecimentos, vivendo e sendo o que somos, compreendendo cada molde de cada nação que influenciou a construção de nossa identidade cultural. Sendo necessário reconhecer e transgredir, refletir e resistir sobre estes moldes. Neste ponto, devemos concordar que “[...] do ponto de vista de um pensar brasileiro, Noel Rosa tem mais a nos ensinar do que o senhor Immanuel Kant, uma vez que a Filosofia, como o samba, não se aprende no colégio.” (GOMES, 1990, p.110).

Considerando a importância do olhar decolonial, pós-colonial e contracolonial, buscamos evidenciar que a produção do pensamento brasileiro ocorre a partir de diferentes perspectivas, apresentando a reflexão filosófica a partir dos eixos corpo, terra e palavra, explorando essas categorias simbólicas em meio das expressões artísticas e culturais, mais uma vez, dialogando com as provocações realizadas por Gomes em sua *Crítica da Razão Tupiniquim*, que afirma: “O artista - e o filósofo, quando fiel à sua vocação igualmente marginal

- tem recebido ao longo da história o rótulo de louco. E sua "loucura" consiste nisto: não é um homem sério.” (GOMES, 1990, p.11). Nesse sentido, a maneira singular que Emerica, em São Paulo, Chico Science, em Recife e Nêgo Bispo, em Saco-Curtume, apresentam seus pensamentos e afirmam com muita seriedade suas proposições, indagações, manifestações e provocações, bem distante de não serem sérios, com os pés fincados no chão de suas realidades, apresentam suas expressões e suas artes de maneira racional e organizada, principalmente porque se propõem a deslocar a ordem que muitas vezes oprime, segrega, exclui, cala e margeia. A maneira como cada um apresenta o seu corpo e expressa as suas ideias, aos olhos de muitos que defendem o colonialismo, podem compreender suas posturas e atitudes como “loucura” e falta de seriedade. No entanto, nesse giro decolonial, nos propomos a apresentá-los como pensadores brasileiros que propõem a elaboração de uma verdadeira Razão Brasileira.

Dessa forma, reafirmamos que a Razão Brasileira existe e está em constante elaboração, forjada nas experiências cotidianas, nas expressões artísticas, nos corpos que resistem e nas vozes que se recusam a silenciar. Ela não se encaixa nos moldes tradicionais do pensamento europeu, mas se constrói a partir da pluralidade cultural, da oralidade, dos

ritmos, das histórias e dos territórios que compõem o Brasil. Assim, nosso país é nosso lugar de fala, e, nesse lugar, pensar é também cantar, dançar, denunciar e propor novos caminhos. A filosofia que aqui se propõe é viva, situada e comprometida com a realidade concreta, reconhecendo a importância dos saberes marginalizados e das existências múltiplas, que dão forma ao pensamento nacional. É nesse giro decolonial que se encontra a potência de uma razão que não se curva, mas se levanta — brasileira, mestiça, complexa e, sobretudo, nossa.

## Referências

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

BISPO DOS SANTOS, Antonio. Somos da terra. In: CARNEVALLI, F.; REGALDO, F.; LOBATO, P.; MÁRQUEZ, R.; CANCADO, W. (orgs.). **Terra: antologia afro-indígena**. Belo Horizonte: Ubu Editora; Piseagrama, 2023a.

BISPO DOS SANTOS, Antônio. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Piseagrama; Ubu, 2023b.

CAETANO, Bruna. **Uma história oral do Movimento Negro Unificado por três de seus fundadores: Regina Santos, José Adão e Milton Barbosa são colocados em diálogo para contar trajetória do MNU**. Geledés – Instituto da Mulher Negra, 5 maio 2024. Disponível em:

<<https://www.geledes.org.br/uma-historia-oral-do-movimento-negro-unificado-por-tres-de-seus-fundadores/>>. Acesso em: 11 maio 2025.

CARDONA JUNIOR, Aristóteles. **Viveremos a volta dos homens-gabiru?** Brasil de Fato, 4 out. 2019. Disponível em:

<<https://www.brasildefato.com.br/colunista/aristoteles-cardona-junior/2019/10/04/viveremos-a-volta-dos-homens-gabiru/>>. Acesso em: 11 maio 2025.

CARNEIRO, Raquel. **Campanha Pró-Brasil de 2020**. Revista Veja, São Paulo, 17 ago. 2024. Atualizada em: 19 ago. 2024.

CASTRO, Josué de. **Geografia da fome: o dilema brasileiro: pão ou aço**. 10. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

CASTRO, Josué de. **Homens e caranguejos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

CHICO SCIENCE & NAÇÃO ZUMBI. **Da lama ao caos** [CD]. Produção: Liminha. São Paulo: Chaos, 1994. 1 disco sonoro (50 min 15 s): estéreo.

DE JESUS, Augusto Martins. “**Emicida: AmarElo – É Tudo pra Ontem**” – o discurso dos excluídos e a reivindicação de espaços culturais fechados no contexto da negritude brasileira. *Revista Internacional de Folkcomunicação*, [S. l.], v. 19, n. 42, p. 327–332, 2021. DOI: <https://doi.org/10.5212/RIF.v.19.i42.0018>. Disponível em: <<https://revistas.uepg.br/index.php/folkcom/article/view/19308>>. Acesso em: 30 abr. 2025.

EMICIDA. **AmarElo – é tudo pra ontem** [documentário]. Direção: Fred Ouro Preto. São Paulo: Netflix, 2020. 89 min. Disponível em: <<https://www.netflix.com/search?q=amarelo&jbv=81306298>>. Acesso em: 11 maio 2025.

GODOY, Ana Paula Pacheco. **O Mangubeat entre o global e o local: a disputa na cena cultural pernambucana nos anos 1990**. 2013. Dissertação (Mestrado em Estudos Culturais) – Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

GOMES, Roberto. **Crítica da razão tupiniquim**. 10. ed. São Paulo: FTD, 1990.

ITAÚ CULTURAL. **Nêgo Bispo: vida, memória e aprendizado quilombola**. [S. l.]: YouTube, 15 mar. 2021. 1 vídeo (1h 2min 55s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=gLo9ZNdgJxw>>. Acesso em: 11 maio 2025.

KOHAN, Walter; SIMÕES, Ceane Andrade. **Contracolonizar en las pedagogías: inspiraciones del pensamiento quilombola de Nego Bispo**. *IXTLI – Revista Latinoamericana de Filosofía de la Educación*, Ciudad de México, v. 12, n. 23, p. 6–18, abr. 2025. Disponível em: <<https://doi.org/10.63314/MKIX5319>>. Acesso em: 2 maio 2025.

MIGLIOLI JUNIOR, José Eduardo. **Chico Science, um caranguejo elétrico** [documentário]. Direção e roteiro: José Eduardo Miglioli Junior. [S. l.]: TV, 2016. 1h44min. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=j299EbU-UnQ&t=132s>>. Acesso em: 11 maio 2025.

MIRANDA, Arthur Souza; MIRELLE, Beatriz. **AmarElo: a negritude invade o Theatro Municipal Paulista e a Netflix**. *Revista Rocknbold*, 17 dez. 2020. Disponível em: <<https://rocknbold.com/2020/12/amarelo-a-negritude-invade-o-theatro-municipal-paulista-e-a-netflix/>>. Acesso em: 11 maio 2025.

RAMOS, Lucas Borges. **Mangubeat: identidade e narrativa**. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Relações Públicas) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019. Disponível em:

<<https://bdta.abcd.usp.br/directbitstream/dc4a8713-d52c-4c62-a52c-419416515797/tc4361-lucas-ramos-manguebeat.pdf>>. Acesso em: 6 maio 2025.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1996.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Imagens da branquitude: a presença da ausência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2024.

SOARES, Elza. **O que se cala** (áudio oficial). Deus é mulher. [S. l.]: Deck, 2018. 1 vídeo (3 min 26 s). Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=5ypEw\\_9BFfQ](https://www.youtube.com/watch?v=5ypEw_9BFfQ)>. Acesso em: 12 maio 2025.